

A HETEROGENEIDADE COMO DESAFIO NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR: SUPERAÇÃO DE BARREIRAS, SOLIDARIEDADE E EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Daniel Feitosa Barros¹ - UFPI

Heraldo Aparecido Silva²- UFP

Fernanda Antonia Barbosa da Mota³ - UFPI

RESUMO

O presente texto tem como objetivo discutir a formação do professor Pedagogo Hospitalar, com intuito de promover a superação de barreiras por parte dos educandos hospitalizados resguardando a eles seu exercício de cidadania através dos princípios de solidariedade. Nessa perspectiva, foi aberta uma discussão bastante informativa a respeito da formação de professores e, também, discorrido acerca de alguns aspectos da heterogeneidade como desafio na formação do Pedagogo Hospitalar nos dias atuais. A fundamentação teórica é baseada nas idéias de autores como González (2007), Matos & Mugiatti (2009), Freire (1996), Rorty (2007) dentre outros. Nesse estudo, a pedagogia hospitalar apresenta-se como uma ação pedagógica e solidaria que visa contemplar uma atenção integral ao cidadão, buscando através da mesma garantir o pleno direito de exercício de cidadania. Dessa forma, apresenta uma formação docente que exige uma prática pedagógica diferenciada e bastante particular. Finalmente, a pesquisa aponta para distinções significativas acerca das funções e atribuições do pedagogo hospitalar com base em sua formação.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores. Pedagogia Hospitalar. Solidariedade. Educação. Heterogeneidade.

ABSTRACT:

The present paper aims to discuss the formation of the pedagogue hospital, with the intention of to promote the overcoming of obstacles by the students admitted to them protecting their exercise of citizenship through the principles of solidarity. In this perspective, it opened a very informative discussion about the training of the teachers and discuss too, about the aspects of heterogeneity like a challenge in the training of the pedagogue Hospital today. The theoretical framework is based on the ideas of authors such as González (2007), Matos & Mugiatti (2009), Freire (1996), Rorty (2007) among others. In this study, the teaching hospital is presented as a pedagogical action and solidarity that aims to encompass a comprehensive care to the citizen, seeking to ensure the same through the full exercise of citizenship. In this way, teacher education has a pedagogical practice that requires a different and very particular. Finally, the research points to significant distinctions about the functions and duties of the teacher as a hospital based on the training.

KEYWORDS: Teacher Education. Pedagogy Hospital. Solidarity. Education. Heterogeneity.

¹Bolsista do programa de Iniciação científica da Universidade Federal do Piauí – UFPI, sob orientação do Prof. Dr. Heraldo Aparecido Silva.

²Co-autor: Professor Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI

³Co-autor: Professora Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

I) INTRODUÇÃO

Atualmente, inúmeras discussões sobre a temática de formação docente têm sido enfatizadas dentro das academias por todo o mundo. No entanto, quanto mais se discute sobre o assunto, mais lacunas vão surgindo a respeito da formação integral que deve ser oferecida ao professor em processo de formação, uma vez que a cada dia que se passa a heterogeneidade cresce gradativamente dentro das salas de aula, na escola, sociedade e nos demais locais ou instituições onde são previstos conhecimentos pedagógicos.

Devido a essa crescente diversidade presente na sociedade contemporânea, o professor, passa a exigir uma formação mais ampla e significativa que possa vir a atender todas as demandas que o mesmo venha a encontrar no transcurso de seu trabalho. Como formar, por exemplo, um professor que seja capaz de exercer sua função docente em meio a tantas heterogeneidades? O que oferecer como preparo ou formação para esse profissional? Como os aspectos solidários da formação docente contribuem para a superação de barreiras e a promoção do exercício da cidadania dos educandos? Essas três perguntas são alicerces indispensáveis para dar início a uma discussão sobre a temática de formação docente, em especial a formação do pedagogo hospitalar, que diferente dos demais professores, este se destaca ao exigir uma formação diferenciada por causa do espaço e pela situação do público que atende.

Contudo, antes de se iniciar uma discussão sobre a formação do pedagogo hospitalar, será dada ênfase a formação inicial que os cursos de licenciatura devem oferecer aos seus acadêmicos que, até então, estão sendo preparados para serem professores profissionais. Ou seja, é nesse momento que são atestadas as habilidades mínimas, fundamentais e indispensáveis para o exercício da docência. Para esse tópico em particular, Arnoni (2007, p. 181) apresenta de forma clara e sucinta que:

[...] a formação inicial representa uma das etapas de formação profissional do professor, um processo que se encerra na certificação de habilidades mínimas e indispensáveis para o exercício da profissão docente. O limite da formação inicial é dado no momento em que a universidade outorga ao profissional a licença ou o certificado de habilitação para desempenhar a profissão.

Ou seja, como acaba de ser explicitada, a graduação é apenas uma das etapas da formação do professor, e que é nela que o docente deve adquirir os conhecimentos e habilidades mínimas para exercício de sua profissão. Dentre essas habilidades, enquadra-se o desafio da heterogeneidade, que apesar de possuir seus pontos positivos, como por exemplo,

ensinar e aprender com e para as diferenças, tem se apresentado muitas vezes como um desafio para a prática docente, na medida em que o professor é submetido a exercer sua função para um público que apresenta “diferenças” tão particulares que fogem da realidade cotidiana do professor. Então, como formar um ser docente que seja dotado de habilidades mínimas capaz de trabalhar com as subjetividades presentes na heterogeneidade de uma sala de aula, na escola ou em qualquer outro lugar onde este professor esteja exercendo sua prática docente? Para responder a esse questionamento, Marcondes e Tura (2004, p. 203) defendem que:

Desse modo, formar professores que trabalhem com o currículo possibilitando não só atender a heterogeneidade, como também criar um ambiente favorável à aceitação do diferente, torna-se fundamental como contribuição para o preparo dos profissionais do ensino para a verdadeira realidade das salas de aula, que são intrinsecamente heterogêneas. Coloca-se então como desafio para a prática de ensino promover a reflexão que possa dar instrumentos ao professor, desde o início de sua carreira, para aceitar a trabalhar com grupos heterogêneos.

Ora, se o professor deve receber ainda no início de sua carreira o preparo para trabalhar com grupos heterogêneos, será esse o momento mais que propício e necessário da discussão para engendrar a questão da formação do pedagogo hospitalar. Tendo sempre em vista que o ambiente hospitalar, que é o ambiente de trabalho do pedagogo hospitalar, abriga em seu interno, pessoas que necessitam de cuidados referentes à saúde, ou seja, para tratamento patológico. Assim, tem-se que dedicar uma atenção bastante particular ao heterogêneo desse público, uma vez que tais pessoas provêm de diferentes classes sociais e econômicas, dos mais diversos graus de ensino e educação, com diferentes tratamentos e diagnósticos patológicos, sintomas específicos de superação, alegrias, angustias, dores e sofrimentos reunidos em um só lugar. Eis no hospital um ambiente tão heterogêneo quanto em uma sala de aula escolar.

Formar professores que sejam preparados desde cedo a atenderem um público heterogêneo, exige que durante a formação desse professor lhe sejam apresentados situações que esse docente possa a vir vivenciar em sala de aula, seja essa sala em uma escola, empresa ou, aqui em especial no hospital. Pois, conforme Palma Filho (2004, p. 163) é recomendável “que a prática de ensino esteja presente desde o início do curso e que perpassa toda a formação do professor”.

No entanto, é sabido que é quase impossível poder apresentar ao professor, principalmente ainda em nível de graduação, todas as situações que ele pode vir a se deparar durante sua prática docente. Até mesmo porque os cursos de licenciatura apenas certificam as habilidades mínimas a serem exercidas pelos professores, mas o “ser professor”, quem

constrói é o próprio indivíduo em formação, uma vez que a prática docente só pode ser adquirida ou vivenciada por quem a pratica.

Dessa maneira, torna-se necessário que o professor fundamenta-se em uma prática docente solidária, capaz de se enxergar no lugar do outro, e assim, melhorar seu trabalho visando que seu aluno construa sua própria autonomia e que seja capaz de superar barreiras e praticar, de fato, o exercício da cidadania.

Atualmente a heterogeneidade vem aumentando cada vez mais nas salas de aula, e, se educar uma turma de discentes aparentemente saudáveis no ambiente escolar (considerado pelo senso comum como o local mais adequado para promoção da educação) já é uma tarefa laboriosa e bastante complicada, quem dirá educar em um hospital onde o objetivo primordial é a promoção da saúde e não da educação, e que os alunos ali presentes estão com a saúde física, mental e social abalada. Segundo González (2007, p. 350):

Tanto no âmbito hospitalar, quanto no domiciliar, o que se pretende é dar uma resposta às necessidades educacionais concretas, das quais poderíamos expor, resumindo, alguns traços que se tornam peculiares e diferentes em relação às de outros âmbitos educacionais.

* Os alunos apresentam características específicas em virtudes da doença.

* O meio em que se desenvolve o ato educativo é um contexto especial e diferente.

* Os professores entram em contato com uma grande diversidade de circunstâncias.

Nessa perspectiva, a heterogeneidade não se enquadra somente nas diferenças culturais, sociais, econômicas, políticas, psíquicas, cognitivas, raciais, étnicas e de gênero, mas se sustenta também nas diferentes condições de saúde em que os educandos se encontram. Assumir a promoção da educação, seja ela em qual ambiente for com todas essas heterogeneidades, como uma tarefa laboriosa, implica no entendimento de que é necessário promover uma formação de professores que seja capaz de lidar com essas especificidades também não é nada fácil.

É por isso que a formação de professores, especificamente a do pedagogo hospitalar, exige uma formação que vá além dos conhecimentos de graduação. É necessário que esse professor busque suporte na educação continuada, onde o mesmo poderá conhecer de perto o ambiente hospitalar e as heterogeneidades específicas desse ambiente. Para conhecer esse profissional de características tão particulares, serão apresentados logo a seguir os critérios, as qualidades e os propósitos da formação do pedagogo hospitalar.

II) PEDAGOGIA HOSPITALAR: FORMAÇÃO DOCENTE E PROPÓSITOS DA PROFISSÃO

O ambiente hospitalar, em suma, é um espaço que transmite a sensação de isolamento para o indivíduo do restante da sociedade. Uma pessoa procura o hospital quando precisa de tratamento patológico e, essa procura se dá quando a doença se torna incômoda ao ponto de prejudicar ou mesmo impedir que a pessoa continue a exercer e/ou praticar suas atividades rotineiras no meio social por conta de sua saúde abalada. Sendo assim, o enfermo isola-se no hospital para dar início ao tratamento clínico até se sentir bem o suficiente para retornar a sociedade e retomar suas atividades de rotina.

Nessa perspectiva, é interessante elucidar que a enfermidade é uma situação que, na maioria das vezes, está presente ativa ou passivamente na vida das pessoas. Situação essa, bastante desagradável, que é responsável pelo afastamento e ausência dos alunos nas salas de aula escolar, para tratamento patológico no hospital. Vindo assim, a provocar danos irreparáveis para a vida desses educandos, e na grande maioria das vezes, não só no comprometimento da saúde física, mental e social, mas também cognitiva. Sobre esse aspecto em particular, Matos e Mugiatti (2009, p. 71) afirmam que:

A enfermidade é uma situação com a qual, muitas vezes, o ser humano convive passiva ou ativamente no seu cotidiano. Tal situação é responsável, em certos casos, por levar o aluno a se ausentar da escola por tempo prolongado, o que, indubitavelmente, acarreta prejuízos, por vezes irreparáveis, no curso normal de suas atividades escolares.

No intuito de evitar tais conseqüências, é que a pedagogia hospitalar surge com o propósito de oferecer cuidados pedagógicos e educativos a crianças e adolescentes que estejam por um tempo prolongado em processo de hospitalização. Tendo em vista que o afastamento de suas atividades proporciona ao enfermo uma sensação de angústia, nostalgia, incapacidade, tristeza e entre outros, sem falar do atraso no acompanhamento das atividades escolares.

Partindo do ponto de que um dia a cura chegará e que o retorno para suas atividades cotidianas em breve também será alcançado, é necessário que essas crianças e adolescentes estejam informadas e indubitavelmente atualizadas sobre os conteúdos escolares, acompanhando o fluxo educacional para que não tenham tantas dificuldades de acompanharem o ritmo da escola, principalmente quando retornarem para o ambiente escolar.

A partir daqui, já se pode ser discutido com um pouco mais de profundidade a formação do pedagogo hospitalar, uma vez que já mencionado que essa formação merece uma

atenção especial e específica. Como tal fato torna o pedagogo hospitalar um profissional singular entre os demais professores, buscou-se entender as qualidades e os propósitos dessa formação para o exercício da profissão.

Como se pode perceber, essa formação se torna especial por causa do público (alunos) ao qual o pedagogo hospitalar é demandado a trabalhar, não esquecendo que o seu ambiente de trabalho (o hospital), totalmente diferente do espaço escolar, acaba por exigir também uma formação ainda mais intensa e diferenciada.

Em sua formação, o pedagogo hospitalar, deve ter acesso ao conhecimento sobre como funciona o ambiente hospitalar, suas rotinas, suas divisões departamentais e os objetivos a serem alcançados por essa instituição. Isso se deve ao fato da pedagogia hospitalar oferecer uma atenção pedagógica singular que contribui positivamente para a saúde do educando, ajudando o hospital a vir a concretizar seus objetivos. Segundo Matos e Mugiatti (2009, p. 67):

Esse novo papel com que se depara a Pedagogia Hospitalar compreende os procedimentos necessários à educação de crianças e adolescentes hospitalizados, de modo a desenvolver uma singular atenção pedagógica aos escolares que se encontram em atendimento hospitalar e ao próprio hospital na concretização de seus objetivos.

Essa assistência pedagógica oferecida no ambiente hospitalar carrega consigo o interesse não só de oferecer a educação escolar continuada, mas consiste também no resgate da auto-estima daqueles que estão hospitalizados, ajudando-os a investir no credo da superação de seus problemas e motivando-os a vencer barreiras físicas, psicológicas e cognitivas que os impedem de pensar positivamente sobre sua cura.

Dessa forma, o trabalho pedagógico hospitalar, desenvolve nos hospitalizados a esperança de retornar para casa. Ajuda a construir e solidificar a ideia de poder retornar para sua vida de antes, e, poder exercer sua cidadania dentro e fora do ambiente hospitalar. É nesse momento que o pedagogo hospitalar deve dedicar-se mais empenhadamente, pois a finalidade primordial do atendimento pedagógico hospitalar é “melhorar o processo de adaptação dos alunos ao contexto escolar para facilitar sua integração posterior na escola de referência” (GONZÁLEZ, 2007, p. 349).

Desse modo, quando se diz que o professor pedagogo hospitalar necessita de uma formação especial e bastante particular em relação aos demais professores, é justamente pelo fato dele ter de exercer em sua prática muito mais do que apenas a docência, pois ele terá de ser compadecer com a situação da enfermidade que atormenta seu aluno. Esse profissional poderá e deverá tornar-se, em algumas situações o próprio suporte afetivo nos momentos de

dor, medo e frustrações de seus educandos. Dessa maneira, muito mais do que apenas um professor, o pedagogo hospitalar será o amigo, companheiro, aconselhador, cúmplice etc., que estará presente nas horas mais difíceis em que os alunos necessitam. Para essa afirmação, é tomado por base os objetivos gerais da pedagogia hospitalar traçados por González (2007, p. 358) quando propõe que o pedagogo no hospital deve ser capaz de:

- Facilitar ao próprio doente ou a família a expressão do conteúdo emocional, afetivo e social causado pela angústia diante do diagnóstico de uma doença, de uma deficiência que provoca invalidez, etc.
- Dar apoio sociopsicológico para a criança doente, que, por seu nível de marginalização, falta de recursos pessoais ou situação de crise, precisa de apoio profissional, procurando - embora nem sempre seja possível - motivá-la a fim de que se torne autônoma e comece a aprender a tomar suas próprias decisões.

É necessário que esse profissional possua o conhecimento, sobretudo, sobre as enfermidades contraídas por seus alunos, pois durante sua prática docente ele necessitará adaptar seu plano de ensino de acordo com as necessidades específicas de cada enfermo, ou seja, além do domínio dos conhecimentos pedagógicos, esse profissional tem que ser instruído sobre os conhecimentos de saúde e procurar conhecer antecipadamente os diagnósticos e sintomas específicos das enfermidades que seus educandos possuem, para que com isso, ele possa ter um maior sucesso na abordagem dos conteúdos escolares a serem ensinados.

Em sua formação, esse profissional deve ser orientado para saber trabalhar com situações emergenciais, desesperadoras de tristeza e agonia, com angústias, ansiedade, depressão e inclusive com a pior de todas, a morte. Essa orientação é fundamental para a formação do docente desse profissional, uma vez que todas essas situações farão parte de sua prática diária, e é por isso, que mais uma vez se vem a enfatizar que a formação do professor de pedagogia hospitalar, é bastante particular e diferenciada da formação oferecida aos demais professores, pois essas são experiências que só esse profissional especialista em educação no ambiente hospitalar irá vivenciar rotineiramente em sua prática docente.

III) PEDAGOGIA HOSPITALAR: SOLIDARIEDADE, SUPERAÇÃO DE BARREIRAS E EXERCÍCIO DA CIDADANIA

A Pedagogia Hospitalar, como apresentada de início, carrega consigo o comprometimento com a promoção do ensino e aprendizagem das atividades escolares com os educandos hospitalizados. Prática essa, que viabiliza muito mais do que apenas o exercício da docência, mas também o comprometimento de afetividade e solidariedade para com o próximo.

Foi justamente por perceber as desvantagens que as crianças e adolescentes eram submetidos ao terem de ser hospitalizados, que a pedagogia hospitalar surge para suprir essa necessidade. Para isso, primeiramente foi necessário que quem olhasse para esses sujeitos hospitalizados, pudesse se enxergar em seu lugar, criando assim, em si, o sentimento de solidariedade, ou seja, de estar no lugar do outro.

E é interessante discutir sobre solidariedade na pedagogia hospitalar, pois se for analisado a fundo, o trabalho do pedagogo no hospital é um trabalho intimamente solidário. Isso se dá pelo fato do professor pedagogo hospitalar, tomar para si as necessidades emergentes e indispensáveis da promoção integral da educação e saúde em relação aos seus educandos, tanto que o mesmo através de seu trabalho tenta supri-las promovendo a docência, o apoio psicoafetivo, a atenção, o respeito, etc. A intenção de seu trabalho é fazer com que o outro possa retornar para o meio social e retomar suas atividades sem muita ou nenhuma sequela, ou seja, com um olhar de igual para igual.

Assim, podemos afirmar que, se temos a “obrigação moral de nutrir um sentimento de solidariedade com todos os outros seres humanos” (RORTY, 2007, p. 313), então nesse momento e em tal contexto, o pedagogo hospitalar, tem também a incumbência da solidariedade como prática profissional. Até mesmo porque de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela resolução 217 da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, em seu Art. 1º diz que “todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”, ou seja, todos são iguais perante a lei e têm direito aos mesmos direitos.

Dessa maneira, se uma criança ou adolescente aparentemente saudável tem o livre direito de acesso a escola e a educação, garantido esse direito inclusive por lei, as crianças e adolescentes hospitalizados devem gozar desse mesmo direito a partir do momento em que todos são tratados como iguais. Garantir o acesso de crianças e adolescentes ao ambiente escolar e a educação, exprime muito mais do que apenas o cumprimento de lei, mas engloba o respeito ao próximo e a cima de tudo ao cidadão. Praticar e receber atendimento integral referentes à saúde e educação, nada mais é do que exercer e promover o aval do exercício de cidadania.

Nessa perspectiva, o professor de pedagogia hospitalar deve exercer sua profissão procurando colocar-se no lugar do outro, e, desenvolvendo em si próprio o sentimento de solidariedade. Ao desenvolver essa sensibilidade em relação à dor do próximo, e querer

amenizá-la, faz com que abra concordância com Rorty (2007, p. 326) quando ele defende que devemos:

Distinguir a solidariedade humana compreendida como identificação com a “humanidade como tal” e a solidariedade humana compreendida como a dúvida a respeito de si mesmo que, aos poucos, no decorrer dos últimos séculos, foi inculcada nos habitantes dos Estados democráticos – dúvida sobre sua própria sensibilidade à dor e à humilhação de outros, dúvida de que os atuais arranjos institucionais sejam suficientes para saber lidar com essa dor e humilhação, curiosidade sobre as alternativas possíveis.

Ou seja, é necessário que se utilize de questionamentos sobre si mesmo para tentar compreender aquilo que o outro precisa: Se uma criança ou adolescente está sofrendo com ou pela hospitalização, o que se pode ser feito quanto profissional e quanto pessoa para ajudar a erradicar ou amenizar esse sofrimento? Desse modo, ao se fazer tal questionamento o pedagogo hospitalar será oportunizado a redescrever sua prática profissional ao ponto de refletir sobre a necessidade e importância da sua própria prática docente para os hospitalizados, para ele mesmo e para o meio social.

É importante elucidar, que esse questionamento se faz válido não somente para a prática do professor de pedagogia hospitalar, mas sim em toda e qualquer prática docente. O professor tem que ter em mente que a docência não é apenas a mera reprodução de conteúdos de uma disciplina específica, mas envolve a forma como esses conteúdos são ensinados, os propósitos desse ensino, a reflexão sobre o respeito que deve ser designado ao aluno ao colocar-se em seu lugar. Para essa discussão Freire (1996, p. 103) argumenta que:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feito” que busco superar com ele.

O ensino praticado com amor, afetividade, competência, prudência, solidariedade, fraternidade e dedicação exigem a compreensão de uma educação que irá contribuir significativamente para aprendizagem do aluno e o ajudará a superar as barreiras que este mesmo educando encontrará no decorrer da sua vida.

A promoção de uma prática docente de qualidade, afetiva e solidária que vise um atendimento educacional integral seja no ambiente escolar ou hospitalar, classifica-se antes de tudo, como respeito à cidadania de todos os educandos, uma vez que receber um ensino de qualidade é um direito reservado a todos os alunos, dá mesma forma que a sua promoção é um dever daqueles que o fazem.

Ensinar, antes de tudo, exige comprometimento (FREIRE, 1996), tanto pelo professor quanto pelo aluno. Na pedagogia hospitalar, esse comprometimento deve ser redobrado e mais intensivo, pois a educação escolar no ambiente hospitalar terá o propósito não somente de formar, educar ou dar continuidade às atividades escolares, mas também de ajudar os educandos a superar barreiras relacionadas à sua patologia, ao resgate da auto-estima, a esperança de acreditar na cura e no retorno para sua vida cotidiana. Assim, a pedagogia hospitalar, especificamente a formação do pedagogo hospitalar, deve contemplar um trabalho solidário, que vise contribuir para que os alunos superem seus medos, suas angustias e sofrimentos, vindo assim a garantir os direitos resguardados aos educandos e promovendo o exercício da cidadania.

IV) CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pedagogo hospitalar, como apresentado nesse trabalho, exige uma formação diferenciada das dos demais professores. Sua formação é excepcional, por demandar um trabalho educativo e pedagógico com crianças e adolescentes que se encontram em processo de hospitalização, e conseqüentemente afastadas do ambiente escolar.

Ao integrar-se a equipe médica do hospital, o trabalho educativo e pedagógico do pedagogo hospitalar passa a somar positivamente para o tratamento e recuperação das crianças e adolescentes que estão hospitalizadas, uma vez que a pedagogia no hospital carrega consigo o fardo de um tratamento estimulativo para superação de barreiras psicológicas, cognitivas e afetivas, tratamento esse, que estimula resultados bastante significativos para o progresso da saúde do enfermo, além de evitar a interrupção do acompanhamento escolar.

Formar professores, não é uma tarefa nada fácil. No entanto, formar professores aptos a atuar no âmbito hospitalar, torna-se uma tarefa ainda mais laboriosa. É necessário que os cursos de formação continuada e inclusive os próprios cursos de graduação, especialmente os de pedagogia, estejam atentos para as heterogeneidades que o profissional docente poderá encontrar no exercício de sua profissão.

Ser professor exige muito mais do que a mera construção ou transmissão de conteúdos disciplinares, é necessário sentir e vivenciar a docência, e, não apenas praticá-la. Para exercer um trabalho pedagógico e educativo no hospital, o professor deve antes de tudo ter a consciência de que as pessoas que se encontram naquele ambiente, são pessoas fragilizadas e que estão angustiadas pela incapacidade de retornar para casa e pelo sentimento de dor e

sofrimento. Diante disso, esse profissional, deve procurar colocar-se no lugar do outro, tentando sentir como é estar subordinado ao trabalho dos outros, em busca de sua saúde.

O sentimento solidário é algo que deve ser enraizado desde cedo no coração humano, e durante a formação profissional, este mesmo sentimento deve ser estimulado ainda mais. Não podendo esquecer que um dia a enfermidade da pessoa hospitalizada cessará, e que ela terá de retornar para sua vida de antes do ponto onde ela parou. Visando a garantia dos direitos humanos relativos à educação e saúde, a pedagogia hospitalar vem com o intuito de diminuir o impacto do “retorno” dos educandos ao ambiente social que continuará em desenvolvimento, especialmente o relacionado às atividades educativas escolares, ou seja, evitar o atraso escolar dessas crianças e adolescentes.

Nessa perspectiva, a pedagogia no hospital apresenta-se como uma prática indispensável para o alcance da saúde dos enfermos, ajudando o hospital a cumprir e atingir seus objetivos que é o de oferecer uma saúde integral para todos aqueles que precisam, contemplando os aspectos físicos, psíquicos, afetivos, emocionais e cognitivos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNONI, M. E. B. Práticas educativas: uma proposição metodológica de formação continuada da perspectiva da mediação dialética. In: GRANVILLE, Maria Antonia. (Org.). **Teorias e práticas na formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2007. p. 179-204.

FILHO, João Cardoso Palma. A política nacional de formação de professores. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. (Org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 145-167

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZÁLEZ, Eugenio. **Necessidades educacionais específicas**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007

MATOS, Elizete Lucia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Rio de Janeiro: 4ª ed. Vozes, 2009.

MARCONDES, Maria Inês; TURA, Maria de Lourdes. Prática reflexiva: ponto de chegada ou ponto de partida na formação do professor? In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. (Org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 197-209.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Acesso em: 06/05/2012.

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2007.